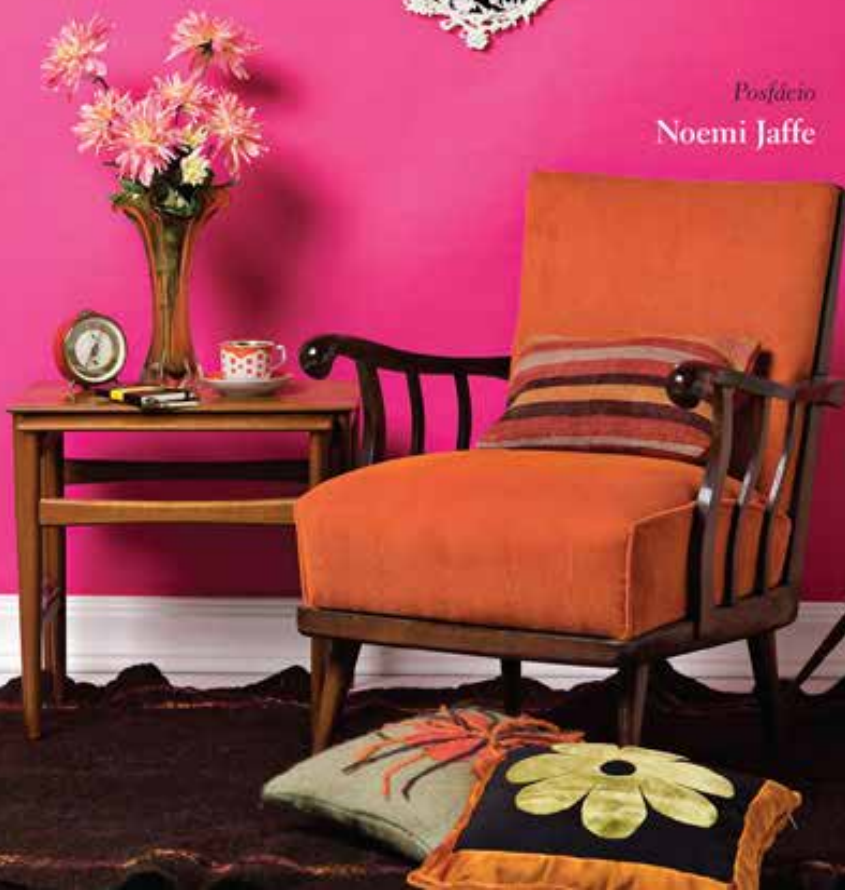


Virginia Woolf Um teto todo seu



Posfácio
Noemi Jaffe



Um teto todo seu



Virginia Woolf
Um teto todo seu

Tradução

Bia Nunes de Sousa

Tradução dos poemas

Glauco Mattoso

TORRESILHAS

Copyright da tradução © 2014 Tordesilhas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

EDIÇÃO UTILIZADA NESTA TRADUÇÃO Virginia Woolf, *A Room of One's Own*, Nova York, Harvest, 1989

EDIÇÃO UTILIZADA NA TRADUÇÃO DO DIÁRIO Virginia Woolf, *A Writer's Diary*, Nova York, Mariner Books, 2003.

PREPARAÇÃO Fátima Couto

REVISÃO Beatriz Chaves e Elisa Campos

CAPA Andrea Vilela de Almeida

IMAGEM DE CAPA © Shutterstock | Mates

FOTO DA AUTORA © Getty Images

PROJETO GRÁFICO Rodrigo Frazão

1ª edição, 2014 (8 reimpressões)

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W862u

Woolf, Virginia, 1882-1941

Um teto todo seu / Virginia Woolf; tradução Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso;
[capa: Andrea Vilela]. - 1. ed. - São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Tradução de: *A Room of One's Own*

ISBN 978-85-64406-86-5

1. Mulheres na literatura. 2. Mulheres e literatura - Inglaterra. 3. Escritoras.
4. Literatura - Escritoras. I. Sousa, Bia Nunes de. II. Mattoso, Glauco. III. Título.

14-08664

CDD: 820.9
CDU: 821.111.09

2020

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.

Avenida Paulista, 1337, conjunto 11

01311-200 – São Paulo – sp

www.tordesilhaslivros.com.br



/Tordesilhas



/Tordesilhaslivros

blog.tordesilhaslivros.com.br

Sumário

Um teto todo seu 7

Posfácio 161

Diário 171

Cronologia 187

Um teto todo seu

Este ensaio é baseado em dois artigos lidos para a Arts Society, do Newnham College, e para a ODTAA, do Girton College, em outubro de 1928. Os artigos eram muito extensos para serem lidos na íntegra e, desde então, foram alterados e expandidos.

I

Mas, vocês podem dizer, nós pedimos para você falar sobre mulheres e ficção – o que isso tem a ver com um teto todo seu? Vou tentar explicar. Quando vocês me pediram para falar sobre mulheres e ficção, sentei-me às margens de um rio e ponderei sobre o significado dessas palavras. Elas poderiam significar simplesmente algumas menções a Fanny Burney; outras sobre Jane Austen; um tributo às irmãs Brontë e um esboço de Haworth Parsonage sob a neve; alguns chistes, se possível, sobre a senhorita Mitford; uma alusão respeitosa a George Eliot; uma referência à senhora Gaskell e pronto. Mas, à segunda vista, as palavras não parecem tão simples. O título “As mulheres e a ficção” poderia significar, e talvez vocês pensassem assim, as mulheres e como elas são, ou as mulheres e a ficção que elas escrevem, ou poderia significar as mulheres e a ficção que é escrita sobre elas, ou poderia significar que de alguma forma as três possibilidades estão inextricavelmente

emaranhadas e vocês gostariam que eu as considerasse sob esse ponto de vista. Quando, porém, comecei a pensar no assunto dessa forma, que parecia a mais interessante, logo percebi que havia um obstáculo inevitável. Eu nunca conseguiria chegar a uma conclusão. Nunca conseguiria cumprir o que é, na minha opinião, a principal tarefa de um palestrante, a de dar a vocês, após um discurso de uma hora, uma pepita de preciosa verdade para ser embrulhada nas páginas de um caderno e mantida em permanente exibição. Tudo o que eu poderia fazer seria dar-lhes a minha opinião sob um ponto de vista mais singelo: uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. Esquivei-me da obrigação de chegar a uma conclusão sobre esses dois assuntos – mulheres e ficção permanecem, no que me concerne, problemas não resolvidos. Mas, em compensação, vou fazer o possível para mostrar como formei essa opinião acerca do espaço próprio e do dinheiro. Vou revelar a vocês o mais completa e livremente que puder a linha de raciocínio que me levou a isso. Talvez se eu revelar as ideias, os preconceitos que se escondem atrás desse argumento, vocês vejam que têm alguma relação com mulheres e ficção. De qualquer forma, quando o assunto é controverso – e qualquer questão que envolve sexo é –, não se pode esperar a verdade. Só se pode mostrar como se chegou a ter a opinião que se tem. Só se pode dar ao público a oportunidade de tirar as próprias conclusões ao observar as limitações, os preconceitos,

as idiossincrasias do palestrante. É mais provável que a ficção contenha mais verdade do que o fato. Por isso, o que proponho, com todas as liberdades e as licenças de uma escritora, é contar a história dos dois dias que precederam minha vinda até aqui... como, curvada pelo peso colocado sobre meus ombros, ponderei sobre o assunto e o encaixei no meu dia a dia. Não preciso dizer que o que estou prestes a descrever não existe; Oxbridge é uma invenção, assim como Fernham; “eu” é apenas um termo prático para alguém que não tem existência real. Dos meus lábios fluirão mentiras, mas talvez haja alguma verdade misturada a elas; cabe a vocês buscar essa verdade e decidir se vale a pena guardar parte dela. Se não, é lógico, vocês vão jogar tudo isso no lixo e esquecer.

Então ali estava eu (chamem-me Mary Beton, Mary Seton, Mary Carmichael ou qualquer outro nome que lhes agrade – pouco importa),¹ sentada às margens de um rio há uma ou duas semanas no clima agradável de outubro, perdida em meus pensamentos. Aquele laço sobre o qual falei, mulheres e ficção, a necessidade de chegar a uma conclusão em um assunto que evoca toda sorte de preconceitos e paixões, me fez curvar a cabeça ao chão. À direita e à esquerda, alguns arbustos dourados e carmesins brilhavam coloridos, pareciam até queimados pelo calor do fogo. Na

¹ Alusão à balada “Mary Hamilton”, em especial aos versos “*There was Mary Beaton and Mary Seaton | And Mary Carmichael and me*”, que seriam uma referência às damas de companhia de Maria Stuart, rainha da Escócia. (N. da E.)

margem oposta, salgueiros choravam numa lamentação perene, os cabelos sobre os ombros. O rio refletia o que queria de céu e ponte e árvore flamejante, e depois que o estudante remou seu barco pelos reflexos, estes se fecharam de novo, por inteiro, como se ele nunca tivesse estado ali. Era possível passar um dia inteiro nesse lugar com a mente perdida em pensamentos. Um pensamento – para lhe dar um nome mais ativo do que merece – tinha deixado seu rastro pela corrente. Oscilava, minuto a minuto, para cá e para lá entre os reflexos e as plantas aquáticas, deixando-se mostrar e submergir na água até... Sabe aquele puxão, e então um amontoado de ideias na ponta da linha, e depois o recolher cauteloso e a exposição cuidadosa? Por fim, assentado na grama, tão pequeno e tão insignificante parecia esse meu pensamento; o tipo de peixe que um bom pescador devolveria à água para que engordasse e um dia fosse digno de ser cozido e comido. Não vou incomodá-las com esse pensamento agora, embora, se prestarem atenção, vão conseguir encontrá-lo por si mesmas no curso do que estou prestes a dizer.

Por menor que fosse, esse pensamento tinha, apesar de tudo, o mistério próprio de sua espécie – de volta à mente, tornou-se imediatamente muito empolgante e digno de atenção; e, conforme zunia, afundava e zanzava para lá e para cá, despertava um aluvião e um tumulto de ideias tal que me era impossível ficar parada. Foi assim que me vi andando extremamente rápido através de um gramado. Na mesma hora a figura de um homem surgiu para me interceptar. Não percebi de pronto que as gesticulações daquele objeto curioso, de

fraque e camisa formal, eram dirigidas a mim. O rosto dele expressava horror e indignação. O instinto, em vez da razão, veio me socorrer: ele era um bedel; eu era uma mulher. Aqui era o gramado; ali estava o caminho. Somente os estudantes e os professores eram admitidos aqui; o cascalho era o meu lugar. Esses eram meus pensamentos naquele momento. Assim que retomei meu caminho, os braços do bedel caíram, seu rosto assumiu a tranquilidade usual, e, embora o gramado fosse melhor para caminhar do que o cascalho, não houve nenhum dano grave. A única acusação que posso fazer contra estudantes e professores de qualquer universidade que seja é a de eles terem afugentado meu pequeno peixe para proteger seus gramados cultivados durante trezentos anos a fio.

Que ideia me levou a uma invasão tão audaciosa, agora não me lembro. O espírito da paz desceu dos céus como uma nuvem, porque, se o espírito da paz habita em algum lugar, é nas quadras e nos pátios de Oxbridge em uma bela manhã de outubro. Passeando por aquelas faculdades, por aqueles corredores antigos, a rudeza do presente parecia se amenizar; o corpo parecia encerrado em um armário de vidro milagroso no qual som nenhum podia penetrar, e a mente, liberta de qualquer contato com os fatos (a menos que alguém invadissem o gramado de novo), ficava à vontade para se dedicar a qualquer meditação que estivesse em harmonia com o momento. Por acaso, memórias esparsas de um ensaio antigo sobre retornar a Oxbridge nas férias me lembraram de Charles Lamb – santo Charles, disse Thackeray, encostando uma carta de

Lamb na testa. De fato, entre todos os mortos (compartilho meus pensamentos à medida que eles me ocorrem), Lamb é um dos mais agradáveis; alguém a quem eu gostaria de perguntar: Diga-me, pois, como escreve seus ensaios? Porque os ensaios dele são superiores até aos de Max Beerbohm, pensei, com toda aquela perfeição, por causa daquela centelha bravia de imaginação, aquele lampejo de genialidade no meio dos textos que os faz ter falhas e imperfeições, mas os torna radiantes de poesia. Lamb esteve em Oxbridge talvez cem anos atrás. Sem dúvida, ele escreveu um ensaio – o título me escapa¹ – sobre o manuscrito de um dos poemas de Milton que ele viu aqui. Era “Lycidas”, talvez, e Lamb escreveu como ficou chocado ao pensar na possibilidade de que qualquer das palavras de “Lycidas” pudesse ter sido diferente do que era. Pensar em Milton alterando as palavras do poema parecia-lhe uma espécie de sacrilégio. Isso me fez lembrar de tudo o que eu sabia sobre “Lycidas”, e foi divertido imaginar que palavra Milton teria alterado e por quê. Então me ocorreu que o mesmo manuscrito visto por Lamb estava a poucos metros de distância e que era possível seguir seus passos através do pátio até a famosa biblioteca onde esse tesouro fica guardado. Além do mais, ponderei enquanto colocava o plano em prática, é nessa famosa biblioteca que o manuscrito de *Esmond*, de Thackeray,

¹ O nome do ensaio é “Oxford in the Vacation”, escrito por Charles Lamb e publicado pela primeira vez no ano de 1820, na *London Magazine*. (N. da E.)

está guardado.¹ Os críticos sempre dizem que *Esmond* é o romance mais perfeito de Thackeray. Mas a afetação do estilo, com sua paródia do século XVIII, era incômoda, tanto quanto posso lembrar, a menos que realmente o estilo do século XVIII fosse inato em Thackeray – um fato que se pode comprovar olhando o manuscrito e verificando se as alterações eram para o bem do estilo ou do sentido. Mas para isso alguém teria de decidir o que é estilo e o que é significado, uma questão que... mas eis-me de fato à porta que leva para a própria biblioteca. Devo tê-la aberto, já que, num instante, como um anjo guardião impedindo o caminho com o esvoaçar de um traje preto em lugar de asas brancas, um cavalheiro desaprovador, prateado e gentil, lamentou em voz baixa, à medida que me dispensava com um gesto, que só se admitiam damas na biblioteca se acompanhadas por um estudante da universidade ou munidas de uma carta de apresentação.

17

Que aquela biblioteca famosa tenha sido amaldiçoada por uma mulher é uma questão irrelevante para uma biblioteca famosa. Venerável e calma, com todos os seus tesouros seguramente trancados em seu íntimo, ela dorme complacentemente, e, no que me diz respeito, vai dormir assim para sempre. Nunca mais eu despertaria os ecos, nunca mais solicitaria aquela hospitalidade de novo, prometi ao descer os degraus, enraivecida. Ainda restava uma hora

¹ Os manuscritos de “*Lycidas*” e de *Esmond* estão na biblioteca do Trinity College, na Universidade de Cambridge. (N. da E.)

até o almoço, e o que se podia fazer? Vagar pelos prados? Sentar-se à beira do rio? Era certamente uma manhã de outono adorável; as folhas flutuavam vermelhas até o chão; não era sofrimento nenhum fazer qualquer um dos dois. Mas o som de música chegou a meus ouvidos. Alguma cerimônia religiosa ou celebração estava acontecendo. O órgão se lamentava magnificamente quando passei pela porta da capela. Até o pesar do cristianismo parecia, naquele ar sereno, mais a lembrança do pesar do que o pesar em si; mesmo os gemidos do órgão antigo pareciam aninhados na paz. Mesmo que eu tivesse o direito de entrar, não tinha vontade de fazê-lo, e desta vez o sacristão poderia ter me impedido, exigindo talvez minha certidão de batismo ou uma carta de apresentação do reitor. Mas o exterior dessas construções magníficas é quase sempre tão bonito quanto o interior. Ademais, era divertido o suficiente observar a congregação se reunir, entrar e sair de novo, ocupando-se à porta da capela como abelhas na entrada da colmeia. Muitos usavam chapéu e túnica; alguns tinham estolas de pele sobre os ombros; outros eram conduzidos em cadeiras de rodas; outros, apesar de não terem passado da meia-idade, pareciam amassados e esmagados em formatos tão peculiares que lembravam aqueles caranguejos e lagostins gigantes que se erguem com dificuldade da areia de um aquário. Enquanto me apoiava na parede, a universidade realmente pareceu um santuário onde são preservados os tipos raros que em breve estariam obsoletos se deixados para lutar por sua existência na calçada da Strand. Histórias antigas de reitores antigos e professores antigos me vieram à mente, mas, antes que eu pudesse reunir coragem para assobiar – diziam que ao som de um

assobio o velho professor _____ começava a galopar –, a venerável congregação entrou. O exterior da capela permaneceu. Como vocês sabem, seus domos e seus pináculos altos podem ser vistos, como um veleiro sempre em viagem mas que nunca chega, iluminados à noite, e visíveis por muitos quilômetros através das colinas. Houve um tempo, presumo, em que esse quadrilátero, com seus gramados macios, seus edifícios maciços e a própria capela, foi também um pântano onde a grama ondulava e os porcos fuçavam. Manadas de cavalos e bois, pensei, devem ter transportado as pedras em vagões vindos de países longínquos, e então, com trabalho infinito, os blocos cinzentos, sob cuja sombra eu estava agora, foram equilibrados em ordem um em cima do outro, e depois os pintores trouxeram os vidros para as janelas, e os pedreiros ficaram ocupados por séculos naquele teto com betume e cimento, pá e colher. Todo sábado alguém deve ter despejado ouro e prata de uma bolsa de couro em suas mãos, pois eles provavelmente bebiam cerveja e jogavam boliche à noite. Um veio de ouro e prata sem fim, pensei, deve ter jorrado perpetuamente para este pátio de forma a manter as pedras a caminho e os pedreiros no trabalho; nivelar, descartar, desenterrar e drenar. Era a Idade da Fé,¹ e o dinheiro fluía livremente para assentar essas pedras em uma fundação profunda, e quando as pedras estavam de pé ainda mais dinheiro era vertido diante dos cofres de reis e rainhas e grandes

¹ Mais conhecida como Idade Média, a Idade da Fé abrangeu do século v ao xv e foi um período de intenso predomínio da Igreja sobre a sociedade. (N. da E.)

nobres para garantir que aqui se cantassem hinos e se ensinasse aos alunos. Concederam-se terras, pagaram-se dízimos. Quando a Idade da Fé terminou e a Idade da Razão¹ começou, o mesmo veio de ouro e prata continuou; fundaram-se irmandades, concederam-se cargos de palestrantes; agora apenas o ouro e a prata fluíam, não dos tesouros do rei, mas dos baús de mercadores e industriais, das bolsas de homens que fizeram, digamos, uma fortuna nas fábricas e devolveram, em testamento, uma generosa parte dela para endossar mais cátedras, mais cargos de palestrantes, mais irmandades na universidade onde aprenderam o ofício. Em consequência, as bibliotecas e os laboratórios; os observatórios; o esplêndido conjunto de instrumentos caros e delicados que agora está em prateleiras de vidro, onde séculos atrás a grama ondulava e os porcos fuçavam. Certamente, enquanto eu passeava pelo pátio, a fundação de ouro e prata parecia profunda o suficiente; o pavimento assentava-se solidamente sobre a grama silvestre. Homens com bandejas sobre a cabeça passavam, ocupados, de uma escada a outra. Buquês pomposos floresciam em jardineiras. A melodia de um gramofone ecoava alta do interior. Era impossível não refletir – a reflexão, fosse ela qual fosse, foi interrompida. O relógio soou. Era hora de se pôr a caminho do almoço.

¹ A Idade da Razão, ou Iluminismo, foi o movimento intelectual predominante no século XVIII, caracterizado pela centralidade da ciência e da racionalidade, em oposição à religião. (N. da E.)